

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADO DA EDIÇÃO 24 DA FORBES ÁFRICA LUSÓFONA

Forbes

ESPECIAL
ANNUAL SUMMIT ANGOLA 2025

Forbes
África Lusófona

ANNUAL
SUMMIT
Angola 2025

VALENTINA FILIPE

PCA DA BODIVA DISTINGUIDA COM
PRÉMIO CARREIRA 2025



O Banco de Crescimento e Impacto

Hoje em dia, o Banco de Comércio e Indústria, é um pilar fundamental para o progresso e desenvolvimento de Angola. Desde a sua privatização, o Banco cresceu de forma rápida e sólida, e o seu impacto tem sido evidente no financiamento de negócios, na produção agrícola, no crescimento da indústria, no apoio às famílias e às comunidades. Hoje, graças a muito trabalho e a um enorme esforço de modernização, podemos dizer com segurança que Banco de Comércio e Indústria é sinónimo de Banco de Crescimento e Impacto.



www.bci.ao



BCI Banco
de Comércio
e Indústria

Mudamos por si



PRÊMIO FORBES CARREIRA 2025

Um tributo a décadas de dedicação ao sector financeiro e a um contributo determinante para o desenvolvimento do mercado regulamentado de valores mobiliários e derivados em Angola.

04 EDITORIAL

Quando o futuro exige visão, coragem e acção

Francisco de Andrade

06 EVENTO

Reunir vozes que pensam e constroem o futuro da economia lusófona

Luanda reuniu decisores e líderes empresariais para discutir os desafios e as oportunidades do desenvolvimento económico na região.

10 ROBUSTEZ

"Angola precisa de um sistema financeiro mais sofisticado"

N'Gunu Tiny, *chairman* do grupo Media Nove.

12 PERSPECTIVA

O novo rumo para o turismo em Angola

Ministro do Turismo de Angola, Márcio Daniel, apresentou, no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, as perspectivas para a conhecida "indústria da paz" no país.

13 4.º PODER

Governante destaca papel da Forbes África Lusófona na economia dos PALOP

Secretário de Estado das Finanças e do Tesouro de Angola, Ottoniel dos Santos, afirmou que a FAL se tem afirmado como uma voz determinante na visibilidade da integração económica dos países de língua portuguesa.

16 SEGUROS

2025 foi para a ARSEG o ano de transformação na supervisão do sector segurador angolano

Filomena Manjata, PCA da Agência de Regulação de Seguros, destacou a aprovação, em 2024, da norma sobre *governance*.

36 FOTOGALERIA

Momentos Forbes Annual Summit Angola 2025



30

RECONHECER O MÉRITO

As prioridades do IFC para a próxima década

Agricultura, indústria transformadora, Corredor do Lobito e energia destacam-se na estratégia do Grupo Banco Mundial para Angola.

EDITORIAL

FRANCISCO DE ANDRADE EDITOR EXECUTIVO DA FORBES ÁFRICA LUSÓFONA

Quando o futuro exige visão, coragem e acção


EDITORIAL 4

Num tempo marcado por incertezas globais, tensões geopolíticas persistentes, transições energéticas aceleradas e profundas transformações tecnológicas, a economia deixou de ser apenas um exercício de números para se afirmar como um verdadeiro teste à qualidade da liderança. Foi neste contexto que Luanda acolheu a 2.ª edição do Forbes África Lusófona Annual Summit, um encontro que se consolida como espaço de pensamento estratégico, convergência de vontades e construção de soluções para os desafios estruturais que se colocam às economias lusófonas.

Mais do que um evento de agenda, o Annual Summit afirma-se como um sinal de maturidade do debate económico no espaço lusófono. Num ambiente em que a retórica fácil muitas vezes se sobrepõe à análise rigorosa, o encontro trouxe ao centro da discussão temas que exigem responsabilidade, visão de longo prazo e capacidade de execução. Inovação, sustentabilidade e cooperação deixaram de ser conceitos aspiracionais para se assumirem como imperativos estratégicos num mundo em rápida transformação.

Num país como Angola, onde o crédito à economia, a diversificação produtiva e a robustez do sistema financeiro continuam a ser desafios centrais, esta reflexão assume particular relevância. Mas a economia não se constrói apenas com instrumentos financeiros. Constrói-se, acima de tudo, com liderança. E o debate deixou claro que o desenvolvimento sustentável exige líderes éticos, preparados, com visão estratégica e compromisso efectivo com o impacto social.

O evento distinguiu-se ainda pela diversidade das vozes presentes. Gestores do sistema bancário e segurador, líderes de *fintechs*, empresários, jovens talentos e representantes do sector produtivo partilharam experiências num ambiente de debate qualificado e *networking* de alto nível. Essa diversidade é, em si mesma, um activo estratégico: economias resilientes constroem-se a partir do diálogo entre diferentes perspectivas, sectores e gerações.

A conferência deixa uma mensagem clara: o futuro da economia lusófona não será fruto do acaso, mas da qualidade das escolhas feitas hoje. Mais do que um ponto de chegada, o Summit é um ponto de partida. Um espaço que inspira, conecta e desafia lideranças a pensar para além do imediato. Porque, num mundo cada vez mais competitivo e interdependente, apenas economias lideradas com visão, coragem e sentido estratégico conseguirão projectar um futuro sustentável e inclusivo para as próximas gerações. 

Forbes

ESPECIAL ANNUAL
SUMMIT ANGOLA 2025

EDITOR/PROPRIETÁRIO
Media9Par, S.A.

Registo na ERC n.º 224 087. Accionistas detentores de mais de 5% do capital – Emerald Media Corporation (87,97%), Emerald Europe (11,46%)
N.º ERC 124 955. NIPC: 517 031 558. N.º de Depósito Legal: 245 365/06
Sede: Avenida da Liberdade, 245, 3.º A, 1250-143 Lisboa. Redacção: Tagus Park – Edifício Tecnologia, 4,1, 71 a 74, 2740-122 Porto Salvo

FUNDADOR
N'Gunu Tiny

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Luís Figueiredo Trindade (Chairman), José Carlos Lourenço (CEO),
Cristiana de Nóbrega (Administradora)
e Raúl Bragança Neto (Administrador)

SITE

www.forbesafricalusofona.com

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS

Rua Marechal Brás Tito, Edifício Escom, 9.º andar,
Sala B, Kinaxixe, Luanda – Angola
(+244) 222 448 158

DIRECTORA EDITORIAL
Nilza Rodrigues

nilza.rodrigues@forbesafricalusofona.com

EDITOR EXECUTIVO
Francisco de Andrade

francisco.andrade@forbesafricalusofona.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Pedro Mbinza, Napiri Lufânia, Dircia Lopes, Paulo Marmé, Rosana Dias, Tom Carlos, Chilala Moco
Revisão: Rui Gouveia

DESIGN

Fernando Dias, Pedro Guedes

COMERCIAIS

Joaquim Cosme
jcosme@medianove.com

ASSINATURAS E DISTRIBUIÇÃO

Joaquim Cosme
jcosme@medianove.com

DIREITOS INTERNACIONAIS

Forbes Media LLC

A Forbes África Lusófona é uma publicação da Emerald Europe publicada sob o acordo de licenciamento com a Forbes Media LLC

IMPRESSÃO

Gráfica Unimater
Benfica/Zona Verde
prepress.unimater@grupomaraliv.com

TIRAGEM

5 mil exemplares
Depósito Legal n.º 486 948/21
Registo da ERC n.º 127 622

ESTATUTO

A Forbes África Lusófona é uma revista focada no mundo dos negócios, da economia e dos empreendedores que, nos países africanos de língua oficial portuguesa, vão impondo um novo dinamismo ao tecido empresarial, através de valores que consideramos essenciais como a inovação, o *governance*, a igualdade de género, a inclusão social e financeira, assim como a protecção ambiental.

A Forbes África Lusófona está registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social com o número 127622, é detida pela empresa Emerald Europe e resulta de um licenciamento da revista norte-americana Forbes.

O estatuto editorial da Forbes África Lusófona encontra-se publicado na página da Internet www.forbesafricalusofona.com



Standard Bank
Private

TER UM BANCO COM A MINHA PERSONALIDADE, É PRIVATE



Sabemos que não há duas assinaturas iguais nem duas personalidades. As suas escolhas são únicas e a nossa proposta PRIVATE também. Oferecemos-lhe um tratamento exclusivo, soluções totalmente customizadas e o acompanhamento de um Gestor dedicado para cuidar do seu património, sempre a pensar em si.

Private



www.standardbank.co.ao



Linha Standard Bank 923 190 888

Faça o scan
do código QR
para obter mais
informações sobre
a nossa proposta
de valor Private





Luanda reuniu as vozes que pensam e constroem o futuro da economia lusófona

A capital angolana foi palco da segunda edição do Forbes África Lusófona Annual Summit, reunindo decisores e líderes empresariais para discutir os desafios e as oportunidades do desenvolvimento económico na região. Inovação, sustentabilidade e cooperação estiveram no centro do evento.

Texto: **Francisco de Andrade**

Luanda acolheu, em 18 de Novembro de 2025, a segunda edição do Forbes África Lusófona Annual Summit, um encontro de referência que reuniu líderes empresariais, decisores públicos e empreendedores de vários países lusófonos para debater os caminhos do desenvolvimento económico e social da região.

Com um enfoque claro na inovação, na sustentabilidade e na cooperação, o Annual Summit afirmou-se como um espaço qualificado de reflexão estratégica, num momento em que as economias lusófonas enfrentam desafios estruturais profundos, mas também oportunidades significativas num contexto global em rápida transformação.

Mais do que um fórum de debate, o evento consolidou-se como

uma plataforma de acção e convergência, onde se constroem pontes entre sectores, se fortalecem redes de influência e se impulsionam iniciativas orientadas para um crescimento mais inclusivo, resiliente e sustentável.

A edição de 2025 estruturou-se em dois grandes momentos — o Financial Summit, durante a manhã, e o Economy Summit, no período da tarde — reunindo algumas das vozes mais influentes do espaço económico lusófono. Ao longo do dia, os painéis temáticos abordaram questões centrais para o presente e o futuro da região, entre as quais: “A Responsabilidade e o Impacto da Banca Sistémica na Economia Nacional”, “O Mercado de Capitais e o Investimento de Impacto na Economia Angolana”, “Gestão de Riscos e o Papel do Sector

Segurador”, “Há um Estilo de Liderança Angolana?”, “A Geração do Futuro” e “O Sector Primário – Futuro de Angola”.

O palco do Annual Summit contou com a participação de gestores de referência do sistema bancário e segurador angolano, líderes de *fintechs*, representantes de grandes empresas, jovens talentos emergentes e empresários dos sectores agrícola e florestal, promovendo um ambiente de debate qualificado, partilha de experiências e *networking* de alto nível.

O programa integrou ainda um momento simbólico de reconhecimento, com a atribuição do Prémio Carreira 2025, distinção que homenageou o percurso e o contributo de uma personalidade que se destacou pelo seu impacto profissional, social e económico.

Ao encerrar a sua segunda edição, o Forbes África Lusófona Annual Summit reafirmou-se como uma das principais plataformas de diálogo, reflexão estratégica e cooperação económica no espaço lusófono, assumindo-se como um encontro que inspira, conecta lideranças e projecta o futuro da região. 📍

AVANÇAMOS COM SOLIDEZ E SUSTENTABILIDADE

Um Banco que fortalece a cultura e
os pilares da inovação.





Valentina Filipe distinguida com prémio Forbes Carreira 2025

Da reforma tributária ao fortalecimento do mercado de capitais, a presidente da BODIVA consolidou um legado que marcou a modernização económica de Angola. Com mais de quatro décadas dedicadas ao sector financeiro, a gestora é hoje referência incontornável na construção institucional do país.

Texto **Pedro Mbinza**

A presidente do conselho de administração da Bolsa de Dívida e Valores de Angola (BODIVA), Valentina Matias de Sousa Filipe, foi distinguida com o prémio Forbes Carreira 2025, no encerramento da 2.ª edição do Forbes Annual Summit Angola. A homenagem sublinha décadas de dedicação ao sector financeiro e um contributo deter-

minante para o desenvolvimento do mercado regulamentado de valores mobiliários e derivados no país.

A distinção materializou-se num quadro exclusivo concebido em *string art* pelo artesão Wilson Diogo Correia, da Cadjengue/Pregos e Linhas. A obra – produzida com 246 pregos ao longo de quatro horas – traduz, através de uma técnica minuciosa, o rosto da homenageada,

reconstruindo ponto a ponto a partir de uma fotografia de referência.

“Foi um sentimento de alegria, porque acredito que as pessoas devem ser homenageadas enquanto estão vivas. O momento para mostrarmos gratidão pelos feitos dos outros é agora”, afirmou o artista.

Ao receber o prémio, Valentina Matias de Sousa Filipe agradeceu à *Forbes África Lusófona* pela distinção e dedicou-a à família, aos amigos e aos colegas da BODIVA e das instituições por onde passou. Reconheceu, igualmente, o papel de todos no seu percurso profissional e reiterou o seu compromisso com Angola.

A trajetória de Valentina Filipe acompanha alguns dos capítulos mais relevantes da construção institucional e económica do país. Desde os anos 1980, tem estado ligada à edificação de um sistema financeiro mais moderno, robusto e competitivo, num período marca-



do por fortes desafios estruturais e pela necessidade de quadros capazes de sustentar reformas de longo alcance.

Licenciada em Economia pela Escola Superior de Economia Bruno Leuchner, de Berlim, regressou a Angola em 1986, integrando o Tesouro Nacional numa fase em que o país procurava estabilizar a economia e reforçar as bases de gestão pública.

A partir daí, a sua carreira progrediu de forma consistente. Foi chefe do Departamento de Operações do Tesouro (1991-1998) e directora nacional do Tesouro (1998-2002), funções que a colocaram no centro das decisões sobre finanças públicas. Entre 2006 e 2008, integrou o Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA), em plena etapa de reconstrução económica.

O reconhecimento da sua competência técnica levou-a ao topo da política fiscal: foi vice-ministra das


Finanças (2008-2010) e secretária de Estado das Finanças (2010-2017), tendo coordenado o Projecto Executivo para a Reforma Tributária (PERT), entre 2010 e 2015 – um marco que modernizou o sistema fiscal, reforçou a capacidade arrecadatória e aumentou a previsibilidade macroeconómica.

Exerceu ainda a presidência da Comissão de Reestruturação e Gestão da Comissão de Mercado de Capitais (2011-2012), etapa decisiva para o lançamento da CMC – Comissão do Mercado de Capitais – e, posteriormente, da BODIVA – Bolsa de Dívida e Valores de Angola –, em 2014, transformando a arquitectura dos mercados financeiros angolanos.

Entre 2017 e 2018, integrou a Comissão de Economia e Finanças da Assembleia Nacional e, de 2018 a 2022, foi administradora-executiva do Fundo Soberano de Angola, contribuindo para a gestão de ac-

tivos estratégicos e para a preservação do valor intergeracional.

Em 23 de Setembro de 2022, iniciou um novo ciclo ao assumir a presidência da BODIVA – instituição cuja génese regulatória ajudara a moldar. Hoje, lidera um período de consolidação decisiva para o mercado de capitais angolano, reforçando a confiança dos investidores, executando o plano estratégico e ampliando as vias de financiamento para empresas e projectos estruturantes.

Com visão, rigor e sentido de missão, Valentina Matias de Sousa Filipe consolidou-se como uma das figuras mais influentes da governação económica angolana e uma referência de liderança feminina num sector tradicionalmente dominado por homens. A sua marca ultrapassa a dimensão técnica: ajudou a erguer os alicerces de um mercado de capitais moderno, desenhado para servir as próximas gerações. 



N'Gunu Tiny: "Angola precisa de um sistema financeiro mais sofisticado"

Na abertura do Forbes África Lusófona Annual Summit, N'Gunu Tiny destacou os avanços de Angola no financiamento da economia, mas alertou para a urgência de maior sofisticação financeira e meritocracia.

Texto **Pedro Mbinza**

O fundador da *Forbes África Lusófona* e do Grupo Media Nove, N'Gunu Tiny, afirmou que Angola tem dado passos relevantes na modernização dos mecanismos de financiamento da sua economia. A intervenção marcou a abertura da 2.ª edição do Forbes África Lusófona Annual Summit, evento que reuniu líderes empresariais, reguladores, investidores e decisores políticos do espaço lusófono.


Segundo N'Gunu Tiny, o dinamismo actualmente observado no mercado de capitais angolano constitui "um elemento central para o *doing business* e para o

de-risking do país", reforçando a confiança de investidores institucionais e facilitando o acesso ao financiamento em sectores estratégicos. Contudo, sublinhou que o país ainda enfrenta desafios estruturais. "Precisamos de garantir que o nosso mercado opere, cada vez mais, com um sistema financeiro sofisticado e segmentado, alinhado com as tendências e as práticas das principais praças financeiras globais", destacou.

Tiny defendeu que apenas com um ecossistema robusto será possível mobilizar recursos para áreas como energia, infra-estruturas, agricultura e tecnologia. Nesse contexto, recordou a realização da primeira Semana Lusófona em Wall Street, organizada pela Emerald — uma das empresas do grupo — em Nova Iorque, em Outubro último. O encontro permitiu "interagir com os principais bancos, gestoras de activos, seguradoras e universidades norte-americanas". Assinalou ainda que Angola, no ano em que celebra 50 anos de independência, continua a trilhar um caminho assente na paz, encarada como activo estruturante para um desenvolvimento sustentável e inclusivo. "Não é por acaso que a narrativa desta edição da Forbes Annual Summit assenta em duas partes distintas", afirmou, remetendo para a articulação entre crescimento económico e sustentabilidade.

Para o empresário, a sustentabilidade — e sobretudo a sustentabilidade financeira — deixou de ser uma escolha opcional para se tornar uma responsabilidade partilhada. É neste espírito, disse, que o Annual Summit pretende afirmar-se não apenas como um fórum de debate, mas como "um ponto de encontro e um espaço de colaboração entre líderes e decisores que dedicam o seu tempo à procura de soluções para os grandes desafios que impactam a nossa sociedade".

No plano social e empresarial, chamou a atenção para o impacto da transição geracional, que intensifica a necessidade de soluções inovadoras e inclusivas. A tecnologia, sublinhou, continua a ser o principal acelerador desse processo, impulsionando novos modelos de negócio que estão a transformar mercados e sectores tradicionais. Contudo, alertou para a necessidade de uma reflexão profunda sobre os modelos de adopção tecnológica e, em particular, sobre a sua *governance*.

"Temos de criar um outro ambiente de liderança para as gerações vindouras, nomeadamente para os empreendedores. Sem empreendedorismo, não há inovação, e para haver empreendedorismo tem de haver meritocracia", defendeu. Criticou ainda a persistência de narrativas que desvalorizam o mérito individual e tornam Angola "um dos países onde é mais difícil empreender", pela percepção de que o sucesso é frequentemente atribuído a terceiros e não ao trabalho próprio. 

ABRA A SUA CONTA DE CUSTÓDIA NA ÁUREA ONLINE, EM QUALQUER LUGAR.

Faça a abertura da sua conta de custódia pelo APPLICA, no seu smartphone, tablet, ou computador. Tenha os seus documentos à mão.



Por razões de conformidade, a conclusão do processo de abertura de conta, depende da análise e confirmação dos seus dados.

Aceda ao APPLICA e comece já.



Márcio Daniel traça novo rumo para o turismo em Angola

Com novos instrumentos de recolha de dados e investimentos estruturantes, Angola quer posicionar-se entre os destinos emergentes mais promissores, segundo o ministro do Turismo do país.

Texto: Paulo Marmé



A intervenção do ministro do Turismo de Angola, Márcio Daniel, no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025 assumiu o carácter de uma prestação de contas ao sector, marcada por um anúncio estruturante: o lançamento das novas Estatísticas do Turismo, instrumento destinado a uniformizar métodos de recolha, tratamento e divulgação da informação turística. O objectivo, explicou, é colmatar uma lacuna histórica na produção de dados fiáveis, essenciais para orientar investimentos e avaliar a resiliência do sector.

Márcio Daniel organizou a intervenção em três eixos – “onde estávamos, onde estamos e aonde queremos


chegar” –, lembrando que Angola era, até há poucos anos, “um destino muito desconhecido”, frequentemente associado a factores que desencorajavam a visita. Para alterar essa percepção, o Ministério definiu como prioridade a criação de uma identidade turística capaz de posicionar o país na geografia global das viagens. “A nossa estratégia tinha de assentar numa marca que pudesse ser experimentada, sentida e reconhecida por investidores e turistas”, afirmou. Foi nesse contexto que nasceu a campanha “Visit Angola, the rhythm of life”, assente na música e no ritmo como elementos identitários.

A resposta ao desafio lançado pelo presidente da República – compreender por que razão Angola não recebe um fluxo turístico proporcional ao seu potencial – materializou-se na aprovação de planos estratégicos pelo Conselho de Ministros. A visibilidade externa tem acompanhado o esforço: no último ano, Angola integrou a lista dos 52 destinos a visitar do *New York Times*. O marco mais simbólico surge em 2026, quando o país será *host country* da ITB Berlim, a maior feira de turismo do mundo.

As expectativas foram detalhadas com números. “Se olharmos para os países que foram *host countries* nos últimos 3 anos, todos cresceram acima de 50% em termos de procura”, disse. Para Angola, o salto exigirá maior preparação. “O sector privado tem de estar pronto. A visibilidade obriga-nos a antecipar o que vem aí.” O impacto, acrescentou, estender-se-á a sectores como o financeiro, os seguros e os produtos bancários.

Revelou ainda que o OGE 2026 já prevê sinalizações específicas para o sector, incluindo investimentos em infra-estruturas nas principais zonas turísticas, mesmo que a execução dependa da disponibilidade financeira. Alguns resultados começam a ser visíveis, entre eles um memorando de entendimento com a egípcia Arab Constructions para desenvolver infra-estruturas no Namibe, no Kwanza-Sul e numa área de Luanda. “Com estes investimentos, outros investidores virão”, afirmou.

Ao sintetizar a estratégia governamental, identificou um percurso progressivo: criação da marca, definição de planos estratégicos e, agora, captação de investimento de grande escala, com a próxima fase centrada em parcerias público-privadas. “Fazemos as infra-estruturas, e os privados desenvolvem a indústria da hospitalidade”, explicou.

Com uma identidade renovada, novos instrumentos de recolha de dados e uma exposição internacional sem precedentes, Angola prepara-se para uma fase de crescimento acelerado. Márcio foi claro: o país quer estar pronto para aproveitar cada oportunidade desta transformação. 

Governante destaca papel da *Forbes África Lusófona* na economia dos PALOP



Na abertura da 2.ª edição do Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, o secretário de Estado das Finanças de Angola, Ottoniel dos Santos, defendeu que valorizar o jornalismo económico é também um acto de cidadania.

Texto **Napiri Lufânia**

“*Forbes África Lusófona* tem-se afirmado como uma voz determinante na visibilidade da integração económica dos países de língua portuguesa”, destacou o secretário de Estado das Finanças e do Tesouro de Angola, Ottoniel dos Santos, ao discursar na abertura da 2.ª edição do Forbes África Lusófona Annual Summit 2025.

“Num contexto global em que as economias emergentes precisam de narrativas próprias, esta plataforma tem servido como ponte entre culturas, mercados e oportunidades, promovendo a diversidade e a paz como alicerces de prosperidade partilhada”, afirmou. O governante ressaltou que o papel da *Forbes* vai

além de comunicar sucessos: trata-se de estimular reflexão sobre como transformar potencial em valor real.

Para Ottoniel dos Santos, debates como os do Annual Summit da Forbes África Lusófona reforçam a convicção de que finanças públicas equilibradas, crédito responsável e ética empresarial são instrumentos de progresso e justiça social. “Este evento não é apenas um encontro de economistas e empresários, é um fórum de ideias, de partilha e de compromisso”, reforçou.

O secretário de Estado angolano destacou ainda que, num tempo de informação abundante, mas atenção escassa, a *Forbes África Lusófona* cumpre um papel estratégico ao unir os seis países africanos de língua portuguesa em torno de uma agenda de crescimento, inovação e responsabilidade, com independência e visão num ecossistema mediático global dominado por gigantes como Google, Meta, X e TikTok, que capturam grande parte do valor económico do jornalismo sem gerar credibilidade própria. Valorizá-lo, sublinhou, é também um acto de cidadania, pois permite à sociedade distinguir informação fiável e compreender as forças que moldam o desenvolvimento.

Por outro lado, na sua intervenção, Ottoniel dos Santos avançou que Angola atravessa um momento de transição estrutural, assinalado pelo Orçamento Geral do Estado para 2026. Pela primeira vez, as receitas não-petrolíferas igualam as provenientes do sector petrolífero, um sinal de que a diversificação económica deixou de ser apenas intenção política para se tornar um resultado mensurável. “É fruto da disciplina fiscal, da reforma tributária, do investimento em infra-estruturas e, sobretudo, da resiliência do tecido empresarial, que tem sabido reinventar-se e responder às dinâmicas do mercado”, disse, acrescentando que a estabilidade económica depende de um sistema financeiro sólido, inclusivo e confiável.

Destacou o papel central da banca na consolidação fiscal, mobilização de poupanças internas e expansão do crédito à economia real, mas frisou que o próximo desafio é especialização e impacto, financiando sectores estratégicos como agricultura, indústria transformadora, habitação, turismo e energias renováveis — áreas que geram emprego e valor nacional.



Papel crítico da banca sistémica na estabilidade e no crescimento da economia angolana em debate

Líderes da banca angolana analisaram no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025 o papel dos bancos sistémicos na estabilidade financeira, inclusão e desenvolvimento económico. Do crédito à inclusão financeira, o evento colocou em foco os desafios e deveres dos grandes bancos em Angola.

Texto: **Pedro Mbinza**

A responsabilidade e o impacto sistémico da banca no desenvolvimento da economia nacional estiveram em análise no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, um fórum que se propõe estimular o intercâmbio de ideias e a construção de soluções concretas para os desafios da economia global e regional.

O tema foi debatido num painel moderado pelo editor-executivo da

Forbes África Lusófona, Francisco de Andrade, que reuniu representantes dos bancos Millennium Atlântico, Standard Bank de Angola, BFA e BCI, instituições com peso determinante na estabilidade do sistema financeiro e no financiamento da economia angolana.

Na abertura do debate, a vice-presidente da Comissão Executiva do Banco Millennium Atlântico, Catarina Sousa, sublinhou que a gestão

de bancos sistémicos assenta numa equação particularmente delicada, pela dimensão do impacto que estas instituições exercem na economia e na sociedade. Segundo a responsável, os bancos sistémicos distinguem-se pela sua escala e pelas suas interligações, o que lhes confere maior capacidade de gerar impacto, mas também uma responsabilidade acrescida de actuar de forma prudente, sustentável e duradoura, assegurando a protecção dos depositantes.

Catarina Sousa defendeu que esse papel exige princípios rigorosos de governação, pleno aproveitamento do enquadramento regulatório e de supervisão, bem como uma ambição equilibrada na criação de impacto económico e social, com particular enfoque na inclusão financeira, não



apenas das pessoas, mas também das empresas. “Quando falamos de inclusão financeira, temos de pensar simultaneamente nas pessoas e nas empresas, porque muitas não têm acesso aos produtos e serviços de que necessitam para crescer”, afirmou, sublinhando ainda a importância da colaboração institucional.

Nesse contexto, destacou a estratégia do Banco Millennium Atlântico de adaptação da sua oferta de produtos e serviços, tanto para clientes já bancarizados como para segmentos ainda excluídos do sistema financeiro. “Temos uma ambição clara de gerar impacto através da inovação. A plataforma Agiliza já serve cerca de um milhão de clientes, e o banco continuará a investir para integrar cada vez mais pessoas e empresas no sistema financeiro”, afirmou.

Por seu turno, o presidente da Comissão Executiva do Banco de Comércio e Indústria (BCI), Renato de Assunção Borges, alertou que uma gestão pouco prudente da carteira de

crédito pode gerar riscos sistémicos capazes de afectar a economia como um todo, reconhecendo, contudo, que o sector tem vindo a evoluir em matéria de regulação e prudência. O responsável destacou que o rácio médio de transformação no mercado ronda os 31%, enquanto o BCI opera acima dos 50%, mantendo uma abordagem cautelosa na gestão de depósitos e na concessão de crédito.


No domínio da inclusão financeira, Renato Borges salientou o envolvimento do BCI no agronegócio, apoiando cerca de 75 mil famílias, num projecto desenvolvido em parceria com o Banco Nacional de Angola (BNA) e o Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos, com vista à identificação formal dos agricultores. “É um desafio estrutural, mas acreditamos que devemos acompanhar a diversificação da economia, do agronegócio à transformação e distribuição”, afirmou.

Já o administrador executivo do Standard Bank de Angola, Eduardo

Clemente, defendeu que as economias necessitam de bancos sistémicos robustos, capazes de sustentar grandes investimentos e atrair capital estrangeiro. Comparando Angola com mercados mais maduros, como Portugal e Nigéria, salientou que a consolidação bancária nesses países é ainda mais elevada, o que demonstra a importância de instituições financeiras de grande dimensão.

Eduardo Clemente sublinhou que o poder associado aos bancos sistémicos implica também maiores responsabilidades, incluindo o cumprimento rigoroso das políticas públicas e regras mais exigentes, sob supervisão reforçada. Nesse sentido, destacou a relevância dos testes de esforço (stress-tests) enquanto instrumentos essenciais para identificar riscos, mitigar vulnerabilidades e reforçar a resiliência das instituições.

Por sua vez, o administrador não-executivo do Banco de Fomento Angola (BFA), José António Cerqueira, considerou que Angola dispõe de um sistema financeiro globalmente robusto, mas alertou para a necessidade de investimentos contínuos em sistemas de controlo interno, conformidade e tecnologia, alinhados com os Acordos de Basileia. O responsável defendeu ainda a valorização da formação e da carreira bancária, sublinhando que o conhecimento especializado continua a ser um factor crítico para a boa governação e sustentabilidade do sector.

Cerqueira alertou ainda para a erosão da cultura bancária tradicional, defendendo a valorização da carreira bancária e da formação especializada. “O bancário tem de ter uma mentalidade própria. Quem não pensa em fazer carreira na banca dificilmente estará preparado para a complexidade da gestão bancária moderna”, concluiu. 

ARSEG aponta 2025 como ano de transformação na supervisão do sector segurador angolano

Com a implementação das IFRS e novas regras de governança, o mercado segurador angolano deu passos decisivos rumo à transparência, à disciplina e à confiança do consumidor, segundo garantiu Filomena Manjata, PCA da Agência de Regulação e Supervisão de Seguros.

Texto **Napiri Lufânia**

A Agência Angolana de Regulação e Supervisão de Seguros (ARSEG) apontou 2025 como um ano decisivo para a implementação plena da supervisão baseada no risco, ajustando a intervenção regulatória ao perfil e à materialidade dos riscos de cada seguradora. A informação foi avançada pela presidente do conselho de administração da instituição, Filomena Manjata.


“Existem seguradoras diferentes, quer pelo volume de negócios, quer pela dimensão. Estamos a ajustar a nossa supervisão ao perfil e à materialidade destes riscos”, explicou, sublinhando que este modelo permitirá uma actuação mais eficiente, moderna e preventiva.

Durante a apresentação do tema “Gestão de riscos e o papel do sector segurador”, na 2.ª edição do Forbes África Lusófona Annual Summit Angola 2025, Filomena Manjata destacou que a adopção deste enquadramento se insere nas reformas estruturais em curso, cujo objectivo é elevar a maturidade regulatória e reforçar a estabilidade do mercado segurador nacional.



A ARSEG trabalha igualmente na implementação das Normas Internacionais de Relato Financeiro (IFRS) no sector, programa recente que visa aumentar a transparência, a comparabilidade e a credibilidade das demonstrações financeiras. Em paralelo, decorre o processo de integração das normas IFRS 4 e IFRS 9 no novo Plano de Contas, actualmente em consulta pública, cuja entrada em vigor está prevista para 2026. Esta iniciativa aproxima o mercado angolano das exigências contabilísticas internacionais e fortalece a disciplina na gestão de activos e passivos.

No âmbito das reformas de governança, Filomena Manjata destacou a aprovação, em 2024, da norma sobre *governance*, que estabelece requisitos de experiência profissional, disponibilidade e competência técnica para gestores e decisores das empresas de seguros. A medida visa reforçar a idoneidade e a qualificação, assegurando que os riscos subscritos e a protecção oferecida aos segurados sejam devidamente salvaguardados. “A norma define requisitos específicos para os decisores-chave, garantindo que a segurança e a confiança no sector não sejam comprometidas”, concluiu.

O conjunto de reformas evidencia um compromisso claro da ARSEG com a modernização e a robustez do mercado segurador angolano, tornando a supervisão mais adaptada às características individuais das empresas e mais orientada para a prevenção de riscos sistémicos. 

A visão de Carlos Firme para o futuro do seguro em Angola

O CEO da Fortaleza Seguros defende que o reforço da penetração do seguro, aliado à inovação tecnológica e ao resseguro nacional, é decisivo para apoiar o investimento e a sustentabilidade económica em Angola.

Texto: **Pedro Mbinza**



O CEO da Fortaleza Seguros, Carlos Firme, defendeu o reforço da penetração do seguro no mercado angolano como condição essencial para uma gestão mais eficiente dos riscos e para o fortalecimento do sistema económico, durante a sua intervenção no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025.

Na sua análise, Carlos Firme sublinhou o papel estrutural do sector segurador no desenvolvimento económico e social, considerando que as necessidades crescentes de investimento no país exigem soluções inovadoras, financeiramente sustentáveis e ajustadas à realidade local.

Como exemplo concreto, o responsável destacou o seguro de caução, frequentemente exigido em projectos de obras públicas e privadas.

Segundo o gestor, o sector segurador é, por natureza, altamente dinâmico, enfrentando desafios constantes que exigem elevada capacidade técnica e rapidez de resposta por parte das seguradoras, para acompanhar as necessidades dos clientes e da economia. Questionado sobre o impacto da inteligência artificial, o CEO da Fortaleza Seguros afirmou que esta tecnologia já é transversal à actividade seguradora, desde os processos de subscrição à análise e precificação do risco. Destacou, em particular, a

utilização de modelos preditivos baseados em dados, capazes de ajustar o *pricing* de produtos como o seguro habitação em função de factores objectivos, como a localização, a proximidade de serviços de emergência ou as características construtivas dos edifícios.

Acrescentou que as soluções de IA estão também a ser aplicadas no atendimento ao cliente, na gestão de sinistros, incluindo a avaliação de danos através de imagens, no *marketing* e na optimização de processos internos, contribuindo para ganhos significativos de eficiência operacional.

Carlos Firme abordou ainda os riscos emergentes e a relevância estratégica do resseguro na actividade seguradora, sublinhando que a gestão do capital das seguradoras depende directamente da forma como os riscos são distribuídos. Em Angola, explicou, todas as seguradoras recorrem a resseguradoras internacionais, o que implica a saída de divisas, uma vez que os prémios cobrados em kwanzas são pagos ao exterior em moeda estrangeira.

Neste contexto, anunciou a criação da primeira resseguradora privada nacional, a Mulemba RE, uma iniciativa do sector privado com cinco entidades fundadoras, entre as quais a Fortaleza Seguros. O objectivo é reter no país parte dos riscos actualmente transferidos para o exterior, contribuindo para a redução da pressão cambial e para o fortalecimento do mercado financeiro nacional.

“Trata-se de um percurso longo, que exige acumulação de capital, desenvolvimento de competências técnicas e consolidação de equipas especializadas”, advertiu. Numa fase inicial, a Mulemba RE arrancará com um capital ajustado ao enquadramento regulamentar, prevendo-se um reforço gradual à medida que a actividade cresça e a capacidade de assunção de riscos aumente.



Angola acelera a maturidade do mercado de capitais e desperta o apetite global

O debate sobre o mercado de capitais no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025 evidenciou que Angola entra numa fase em que investimento de impacto, ESG e modernização regulatória começam, finalmente, a convergir para resultados palpáveis.

Texto **Paulo Marmé**

O painel “O mercado de capitais, o investimento de impacto na economia angolana”, integrado no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, aprofundou o debate sobre a evolução estrutural do mercado de capitais angolano num contexto económico ainda desafiante, mas marcado

por sinais claros de transformação. A sessão começou com um diagnóstico optimista de Walter Pacheco, *chairman* da Kassai Capital, que descreveu a evolução recente como “uma revolução silenciosa no mercado de capitais”. Segundo explicou, nos últimos 3 ou 4 anos registou-se um avanço significativo na actuação

do regulador e da BODIVA – Bolsa de Dívida e Valores de Angola, hoje com uma abordagem mais pragmática e orientada para o mercado.

Um factor adicional tem sido o surgimento de novas comunidades de investidores, em particular jovens que discutem activamente conceitos de literacia financeira, criam grupos de investimento e mobilizam poupança para instrumentos formais. Este movimento, observa, é indício de uma mudança cultural profunda.

Para Pacheco, o mercado começa finalmente a ser encarado como uma plataforma de financiamento da economia real, capaz de canalizar recursos para sectores produtivos. E identifica um ponto de viragem potencial: o desenvolvimento de uma bolsa de mercadorias, essencial para valorizar o sector agrícola e consolidar ambições de diversificação económica. No campo do investimento de impacto, reforçou que a estratégia da Kassai Capital assenta na demonstração de resultados concretos. “Com boa gestão, é possível ter bons retornos em Angola”,



afirmou, defendendo igualmente a importância de atrair capital estrangeiro e consolidar a indústria local de fundos.

Mário Amaral, *managing director* da Hemera Capital Partners, apresentou uma visão complementar. Admitiu que o ambiente macroeconómico ainda representa um desafio para a captação de investimento, mas sublinhou que o interesse por capital de risco está a crescer. Para aumentar a confiança, defendeu o fortalecimento de mecanismos de mitigação de risco, seguros e estruturas que reduzam custos operacionais.

Partilhou exemplos reais da Hemera, incluindo uma empresa cuja valorização cresceu 29% depois da integração de critérios ESG — um indicador de que sustentabilidade e rentabilidade podem coexistir. Recordou ainda que Angola enfrenta necessidades urgentes em sectores como energia, telecomunicações, saneamento, saúde, indústria farmacêutica e transformação mineira.

Já Kelson Cardoso, PCE da Áurea, centrou a sua intervenção na demo-

cratização do acesso ao mercado, destacando investimentos em tecnologia e literacia financeira para tornar a participação mais inclusiva. Recordou que a OPV do BFA desempenhou um papel relevante no aumento do volume de transacções e na visibilidade do mercado de capitais.

Porém, alertou que o investimento de impacto ainda enfrenta obstáculos, na medida em que, como disse, muitos emitentes não estão preparados para cumprir requisitos ESG, e persistem percepções erradas entre os investidores, como a ideia de que é necessário muito capital para começar a investir. Para Kelson Cardoso, desmontar estes mitos é crucial para ampliar a base de investidores.

Entretanto, na visão de Raquel Azevedo, *partner* da PLMJ, Angola está diante de um momento de oportunidade rara. O país, observou, já dispõe de um quadro regulamentar robusto para o funcionamento do mercado, e a revisão em curso do Código do Mercado de Valores Mobiliários introduz melhorias

significativas nas regras de ofertas e de informação privilegiada. Reconheceu que algumas empresas encaravam o ESG como um “fardo”, devido à complexidade das exigências, mas destacou que o pacote de simplificação procura tornar o processo gradual e proporcional à dimensão das empresas. O maior risco, advertiu, é garantir segurança ao investidor, nomeadamente no que diz respeito à possibilidade de retirar capital de forma previsível e eficiente.

Por seu turno, Pedro Ferreira Neto, CEO da Eaglestone, reforçou esta preocupação do ponto de vista internacional. Para o investidor estrangeiro, Angola já desperta interesse — “é sexy”, afirmou —, e a operação do BFA provou isso mesmo. Ainda assim, o pós-rateio continua a ser um momento crítico: a dúvida recorrente é saber se será possível movimentar capital rapidamente.

A Eaglestone trabalha actualmente com fundos internacionais, sobretudo em infra-estruturas, e prepara um fundo dedicado à descarbonização e ao empoderamento feminino, integrando *mentoring* e critérios de impacto social. O gestor destacou ainda o potencial dos fundos de pensões, que noutros países africanos desempenharam um papel determinante no crescimento do mercado de capitais.

O debate encerrou com uma conclusão partilhada: Angola está a entrar numa nova fase de maturação, impulsionada por evolução regulatória, novas comunidades de investidores, casos de sucesso recentes e um interesse crescente no investimento de impacto. O país reúne condições para transformar o mercado de capitais numa das principais alavancas do financiamento da economia real e num instrumento estratégico para atrair capital internacional e diversificar a economia. 

Naiole Cohen: "A conversa sobre ética no sistema financeiro é inadiável"

Fundadora da Angola Corporate Governance Association alerta que, apesar dos progressos tecnológicos e regulatórios, a ética continua a ser o maior desafio do sistema financeiro angolano e que os comportamentos da liderança estão no centro do problema.

Texto **Napiri Lufânia**



A ética e a integridade continuam a ser variáveis decisivas para a credibilidade e a estabilidade do ecossistema financeiro angolano, defendeu Naiole Cohen, fundadora da Angola Corporate Governance Association, na 2.ª edição da Forbes África Lusófona Annual Summit 2025.

Segundo a especialista, apesar dos avanços técnicos, tecnológicos e regulatórios registados nos últimos anos — da digitalização às normas de prevenção de branqueamento de capitais e ao alinhamento gradual com padrões internacionais —, persistem fragilidades comportamentais que minam a confiança no sistema.

Naiole sublinhou que a banca angolana tem uma história recente marcada por reestruturações, encerramentos e fusões, mas também por escândalos de forte repercussão internacional, dos Panama Papers ao caso dos 500 milhões do BNA e ao Luanda Leaks. “O que esta história revela são comportamentos que continuam a desafiar a confiança e a cultura de integridade”, afirmou.

A especialista destacou dados de vários estudos internacionais e nacionais que reforçam a dimensão do problema. Um inquérito recente indica que 25% dos trabalhadores admitiriam agir de forma antiética para benefício próprio,

mas essa percentagem sobe para 67% entre membros de conselhos de administração e para 51% ao nível da gestão de topo. “Os exemplos vêm de cima — e é por isso que a conversa sobre ética é inadiável”, alertou.

Para a fundadora da ACG Association, a variável humana tornou-se o principal risco para a integridade financeira. Relatórios da EY e da KPMG mostram que a pressão para omitir más condutas é crescente e que a manipulação humana está no centro dos novos riscos de fraude num ambiente cada vez mais digitalizado. Estudos anteriores da PwC e da Deloitte já indicavam que a maioria dos casos de fraude ocorria entre quadros médios e superiores, com incidência em corrupção, desvio de fundos e tráfico de influências.

Naiole Cohen defendeu que o país precisa de reforçar a formação ética, consolidar sistemas de controlo e ampliar canais de denúncia, encarando-os como ferramentas estratégicas de protecção institucional.

“As pessoas são contratadas pelas suas competências, mas são despedidas pelos seus comportamentos”, sublinhou. E concluiu: “Há um caminho longo a percorrer. A tecnologia ajuda, mas não substitui a responsabilidade individual. Precisamos de todos como agentes de *governance*.”



Consigo em qualquer lugar

Saúde VIVA

O Saúde Viva, disponibiliza acesso à rede de prestadores médicos VIVA Seguros. Com o Saúde VIVA, irá beneficiar de condições vantajosas no acesso às melhores clínicas de Angola, em situações programadas ou em casos de urgência. Assim como, poderá também beneficiar de cobertura internacional caso seja cliente e se encontre no exterior.

SAIBA MAIS



   [vivaseguros.ao](https://www.vivaseguros.ao)

 +244 923 165 450

apoio.cliente@vivaseguros.ao



A proposta de Carlos Feijó para reinventar a liderança angolana

Liderança transformacional, autenticidade e cultura angolana foram os pilares da reflexão de Carlos Feijó no Annual Summit 2025, numa intervenção centrada na reconstrução da confiança pública. Num país marcado por uma forte tradição centralista, o ex-ministro de Estado defende que o futuro da liderança passa por um modelo integrado, que una ética, participação e valores culturais próprios.

Texto **Francisco de Andrade**

No Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, o jurista Carlos Feijó apresentou uma reflexão profunda e estruturante sobre liderança em Angola, defendendo a necessidade de um modelo que vá além da importação acrítica de teorias

e dialogue com a história, a cultura e a realidade institucional do país. As suas palavras aplicam-se, sublinhou, “ao sector político-governativo, ao empresarial, à academia, às autoridades tradicionais e à sociedade civil”, isto é, “a todos aqueles que carecem de liderança”.


Partindo das abordagens da liderança transformacional e da liderança autêntica, Feijó destacou que ambas oferecem contributos relevantes, mas só ganham eficácia quando contextualizadas. “Importar teorias é fácil; contextualizá-las é sempre mais difícil”, afirmou, alertando para o risco de modelos desajustados à realidade angolana.

Ao caracterizar a liderança transformacional, o antigo ministro de Estado destacou quatro eixos centrais: o exemplo ético do líder, a capacidade de inspirar uma visão mobilizadora, o estímulo intelectual e a atenção individual aos liderados. “O líder que não desenvolve o potencial de cada um

fracassa como líder”, sintetizou. Já a liderança autêntica assenta na autoconsciência, na transparência, na escuta activa e numa “perspectiva moral elevada”, em que o líder “não tem uma segunda agenda” e actua guiado por valores sólidos.

No entanto, o cerne da sua intervenção incidu sobre o desfazamento entre estas abordagens e a prática dominante em Angola. Segundo Feijó, o país mantém uma cultura organizacional fortemente centralista, tanto no Estado como no sector privado. “A nossa história não é uma história de delegação”, afirmou, observando que a concentração do poder colide com a própria matriz cultural angolana, marcada pelo colectivismo, pela solidariedade comunitária e pela filosofia *ubuntu*, sintetizada na ideia de que “uma só mão não amarra um feixe”.

Daí a proposta de um modelo integrado de liderança, que combine liderança transformacional e autêntica com os valores históricos e culturais nacionais. Esse modelo assenta numa visão transformadora enraizada em valores locais, no carisma ético do exemplo pessoal, na liderança servidora e formadora, e em mecanismos efectivos de *accountability* [prestação de contas]. “O líder inspira com visão e exemplo ético, envolve a comunidade na decisão, desenvolve as pessoas e presta contas”, resumiu.

Feijó defendeu ainda que a reconstrução da confiança pública é o maior desafio da liderança em Angola. “Sem reconquistarmos a confiança dos liderados, não poderemos ter sucesso”, alertou, acrescentando que a diversificação económica ou a modernização institucional não se fazem apenas por decretos, mas pelo exemplo e pela legitimidade moral de quem lidera. 



É possível transformar negócios com IA.

Descubra como a Inteligência Artificial está a transformar o futuro, permitindo antecipar mudanças e tomar decisões mais eficientes. É possível com IA. É possível com a KPMG.

kpmg.co.ao/ia

KPMG. Fazer diferente faz a diferença.

Estudo da KPMG mostra como os líderes angolanos encaram o futuro económico até 2028

Vítor Ribeirinho, *senior partner* do Cluster KPMG Portugal e Angola, apresentou o *CEO Outlook 2025* no Annual Summit da Forbes África Lusófona. Segundo o documento, inteligência artificial, ESG e liderança ágil estão no centro da agenda dos líderes corporativos em Angola.

Texto: **Napiri Lufânia**

Os CEO das maiores empresas angolanas mostram-se determinados a ajustar estratégias, acelerar a transformação digital e reforçar competências internas, consolidando a competitividade num contexto económico e geopolítico marcado pela incerteza.

A análise foi apresentada em Luanda, por Vítor Ribeirinho, *senior partner* do Cluster KPMG Portugal e Angola, durante o Annual Summit, no enquadramento do estudo *CEO Outlook 2025: A visão dos líderes sobre o presente e o futuro*.

Segundo Ribeirinho, os líderes empresariais em Angola ambicionam intensificar a adopção de inteligência artificial (IA) como alavanca para otimizar talentos, ajustar modelos de negócio e assegurar trajetórias de crescimento até 2028. A primeira edição do estudo realizada exclusivamente com dados nacionais envolveu 25 CEO e evidenciou um ciclo de liderança pragmático, orientado pela tecnologia, qualificação do capital humano e reposicionamento estratégico.


Apesar de uma queda de 73% na confiança global na economia mundial, os CEO permanecem otimistas quanto ao desempenho das suas empresas: 87% prevêem crescimento, e 60% esperam lucros superiores a 2,5% nos próximos 3 anos. Este optimismo reflecte uma liderança que, mesmo perante desafios complexos, toma decisões estratégicas ancoradas na inovação tecnológica, na capacitação de talento e na integração de critérios ESG como motores de criação de valor.

O estudo destaca que as maiores oportunidades de crescimento surgem para organizações que investem com clareza, responsabilidade e rapidez nos sectores críticos da transformação digital e energética. Em Angola, a aposta na IA é inequívoca: 74% dos CEO direccionam investimento para esta área, e 93% esperam retorno em



até 5 anos. Quase metade das empresas já integram IA nos processos diários, enquanto a maioria incentiva a experimentação contínua nas equipas.

Contudo, o desenvolvimento tecnológico enfrenta desafios estruturais: 87% dos líderes identificam questões éticas como preocupação central, e a mesma proporção aponta a qualidade e a governação de dados como essenciais para a expansão sustentada da IA. A gestão de risco acompanha esta agenda, com a incerteza económica a liderar as apreensões, enquanto 53% das empresas reforçam a prioridade da resiliência cibernética. No plano da governação, 60% defendem modelos de liderança mais ágeis e processos de decisão adaptados à complexidade operacional actual.

O talento emerge como eixo crítico. São 63% os CEO que afirmam que a qualificação em IA será decisiva para a prosperidade futura das empresas. Angola distingue-se internacionalmente pelo elevado nível de reconversão interna: 80% das organizações transferem colaboradores de funções tradicionais para funções potenciadas por IA. No entanto, o envelhecimento do mercado de trabalho cria pressão adicional, com 53% a manifestarem preocupação sobre a reforma de trabalhadores qualificados e a ausência de substitutos técnicos imediatos. 

A FIBRA

QUE ACELERA O SEU NEGÓCIO

ATÉ 1 GIGA
de velocidade



INTERNET
DEDICADA DE
ALTA VELOCIDADE



SEGURANÇA E
CONFIABILIDADE



CLOUD



SUPORTE
TÉCNICO
24/7/365



222 680 000
923 168 000

negocios@tv cabo.co.ao
www.tv cabo.ao/negocios

Gestores defendem liderança estratégica e orientada para resultados em Angola

Gestores públicos e privados reuniram-se no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025 para reflectir sobre o que define a liderança angolana num contexto de transformação económica e social. Comunicação, integridade e capacidade de inspirar marcaram o debate.

Texto: **Napiri Lufânia**



O painel “Estilo de liderança angolana: o que define”, integrado no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, realizado em Luanda, promoveu uma reflexão alargada sobre as diferentes abordagens de liderança adoptadas pelos gestores angolanos, bem como os desafios de motivar, gerir e orientar equipas num contexto económico e social em transformação.

Mais do que um conjunto de técnicas, o estilo de liderança foi analisado

como a forma como um líder dirige, inspira e se relaciona com a sua equipa, reflectindo métodos, comportamentos, valores e uma filosofia própria de autoridade e tomada de decisão.

O presidente do conselho de administração do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), Anselmo Monteiro – um dos cinco oradores do painel moderado por Nilza Rodrigues, directora editorial da *Forbes África Lusófona* –, defendeu que liderar uma instituição pública exige uma combina-

ção multifacetada, que articula visão estratégica, responsabilidade política e um compromisso firme com os pilares da administração pública.

Segundo o responsável, o INSS tem vindo, nos últimos anos, a incorporar conceitos da gestão privada na gestão pública, como forma de reforçar a eficiência e os resultados. “Não podemos ter uma gestão pública empírica. Ela tem de ser baseada em planificação e orientada para resultados, porque o cidadão que está do outro lado espera



respostas concretas da administração pública”, afirmou, sublinhando que o papel do Estado é servir o cidadão, criando soluções, e não barreiras.

Anselmo Monteiro destacou ainda a importância de envolver as equipas e transformar mentalidades, reconhecendo que se trata de um processo gradual. “Isto não se faz do dia para a noite”, afirmou.

Já o presidente da Câmara de Comércio Americana em Angola (AmCham-Angola), Pedro Godinho, apontou a fragilidade do sistema de liderança como um dos principais entraves ao desempenho das empresas no país. Para o empresário, um líder deve ter como base fundamental a capacidade de comunicar claramente a visão, os projectos e a estratégia, assegurando que estes são compreendidos por todos os níveis da organização.

“A comunicação do topo para a base é essencial. Quando isso não acontece, gera-se dispersão, porque os liderados deixam de saber qual é o objectivo central e qual o ponto de chegada”, alertou, defendendo que esta lacuna compromete a eficácia da liderança empresarial.

Na mesma linha, o CEO da SGS Angola, Adilson Paulo, reconheceu que ainda existe uma longa caminhada a percorrer no domínio da liderança, sobretudo no sector público, mas sublinhou o surgimento de novas lideranças e vozes que têm contribuído para representar positivamente Angola.


O gestor defendeu que os princípios de liderança deveriam ser trabalhados desde cedo na sociedade, com maior enfoque no *compliance* e na integridade. “A regra de ouro — tratar o outro como gostaríamos de ser tratados — deveria ser um princípio-base desde a infância. Quando estes valores são inculcados cedo, o indivíduo chega ao mundo corporativo mais bem preparado para liderar”, afirmou.

Para o director-geral da Alfort Petroleum, Gianni Gaspar Martins, liderar é, antes de tudo, inspirar, num contexto particularmente desafiante

como o angolano, onde cerca de 65% da população é jovem. Segundo o gestor, no sector privado, um dos principais obstáculos à liderança eficaz é o informalismo ainda presente em muitas empresas.

Com longa experiência no sector petrolífero, Gianni Martins defendeu que a atenção rigorosa aos processos e procedimentos, característica de sectores intensivos em capital, deveria ser transversal a outras áreas da economia. Acrescentou ainda que um dos grandes desafios dos líderes actuais é gerar resultados num ambiente competitivo, onde é necessário pensar fora da caixa, mesmo quando parece haver pouco espaço para inovação.

A questão da liderança feminina foi abordada pela fundadora e CEO da Imcuba Angola, Sofia Chaves, que descreveu o exercício da liderança feminina no país como um equilíbrio constante entre força e resiliência. Reconhecendo avanços no mercado, admitiu que persistem barreiras culturais, estereótipos e desafios de reconhecimento. “É um caminho que se vai construindo. Enquanto líderes, temos de abrir portas e ser exemplos, mostrando não apenas o que dizemos, mas sobretudo o que fazemos”, afirmou, defendendo a meritocracia e o reconhecimento das competências como pilares para uma liderança mais justa e inclusiva.

Em síntese, os participantes convergiram na ideia de que um líder eficaz domina um repertório diversificado de estilos, sabendo adaptá-los às circunstâncias, às equipas e aos objectivos estratégicos. Num país com recursos abundantes e elevado potencial humano, os gestores sublinharam que o verdadeiro desafio passa por alinhar energias, reforçar a qualidade da liderança e concentrar esforços em objectivos concretos, capazes de responder às necessidades dos cidadãos e de sustentar o desenvolvimento económico e social de Angola. 

A geração do futuro: talento jovem exige oportunidades, governação e confiança

Mérito, talento e acesso a oportunidades dominaram o debate sobre liderança jovem no Forbes África Lusófona Summit 2025. Do empreendedorismo ao *compliance*, especialistas defenderam que o futuro de Angola passa por confiança, governação e capital humano.

Texto: **Pedro Mbinza**

A meritocracia, a competência, o talento e a aposta nos jovens dominaram o painel “A Geração do Futuro”, no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, colocando em evidência o papel determinante da juventude e das mulheres no desenvolvimento de Angola e na forma como o país pode capitalizar oportunidades emergentes para consolidar o seu progresso económico e social.

Ao intervir no debate, a influenciadora e empreendedora angolana Jessi Madalena, nativa das redes so-

ciais e embaixadora da marca Visit Angola, defendeu que o principal desafio não está na falta de talento, mas, sim, no acesso às oportunidades. “O mais importante é dar acesso aos jovens, porque talento não falta, o que falta é oportunidade”, afirmou.

Jessi sublinhou ainda que Angola é, estruturalmente, um país jovem, com uma maioria da população abaixo dos 25 anos, o que impõe uma mudança de paradigma nas políticas públicas e privadas. “Precisamos de olhar para os jovens e apostar neles. E os jovens que têm

acesso devem honrar essa oportunidade, demonstrando foco, trabalho e consistência”, frisou.

A fundadora da agência Angola Experience, considerada uma das principais plataformas digitais de promoção turística do país, destacou igualmente o papel das redes sociais como espaços alternativos de liderança e influência. Segundo explicou, a sociedade angolana continua muito ancorada numa lógica tradicional, que associa experiência apenas ao tempo de mercado, ignorando competências comprova-



das, resultados e impacto. “Hoje há plataformas digitais onde muitos jovens já são líderes de opinião em diferentes sectores, sem dependerem exclusivamente do mercado tradicional”, observou.

Por sua vez, o engenheiro de refinação de petróleo e escritor Mateus Esteita, autor da obra *O Bolseiro*, defendeu que o humanismo é um dos valores mais negligenciados nas actuais lideranças. “O que falta muito nas nossas lideranças é humanismo. Tratar bem o colaborador é essencial, porque ele é o primeiro cliente de qualquer organização”, considerou.

Para Esteita, os jovens que hoje ocupam posições de liderança devem ter consciência da responsabilidade geracional que carregam. “Há muitos jovens em boas posições, inclusive no Governo, mas é preciso entender que representam uma geração. Liderar não é servir-se, é servir os outros, inspirar equipas e criar legado”, afirmou, alertando para os riscos da vaidade e da ausência de visão de longo prazo.

Num ângulo mais institucional e estratégico, a jurista angolana Nádia Feijó, fundadora da NF-CONFOJUR e coordenadora do Compliance Women Committee (CWC), sublinhou que o *compliance* deixou de ser apenas um exercício formal para se afirmar como um instrumento central de atracção de investimento, protecção de activos e sustentabilidade económica.

“Falamos muito de atrair investimento e de formar capital humano, mas como é que organizações internacionais vão posicionar-se num mercado onde não se assegura o cumprimento mínimo das normas de *compliance*?”, questionou.


Ao abordar as dificuldades de financiamento das *startups* e o papel da banca comercial, Nádia Feijó apontou a ausência de instrumen-



tos básicos de governação – como Códigos de Conduta ou Acordos de Sócios – como um dos principais entraves. “O investidor não coloca capital numa empresa que não esteja minimamente estruturada. O *compliance* deve ser pensado numa perspectiva de país, para reduzir riscos e gerar confiança”, defendeu, destacando o papel das micro, pequenas e médias empresas como motor do crescimento económico.

Encerrando o painel, o jovem empreendedor Niuka Casimiro, fundador da *startup* CEU – Cartão Nacional de Estudante Universitário, partilhou a sua experiência no ecossistema empreendedor angolano, referindo que, desde 2015, tem assistido ao surgimento de jovens a construir projectos de grande impacto. “À medida que mostramos competência, seriedade e honestidade, as oportunidades surgem. Ainda há preconceito em relação aos jovens, mas o trabalho consistente muda essa percepção”, afirmou.

Niuka Casimiro destacou ainda as dificuldades de acesso ao financiamento bancário, tanto para empreendedores como para *startups*. “A banca comercial ainda não tem grande abertura para investir em *startups*, em parte pelo risco elevado. No entanto, iniciativas como as da Corporação Financeira Internacional estão a criar pontes entre *startups*, bancos e fundos”, explicou, acrescentando que os seus modelos de negócio estão actualmente a ser estruturados com o apoio da Deloitte.

O painel “A Geração do Futuro” evidenciou, assim, que o desafio de Angola não passa apenas por formar jovens, mas por criar ecossistemas de confiança, mérito e governação, capazes de transformar talento em crescimento económico sustentável. 



IFC apresenta prioridades de actuação em Angola para a próxima década

O *country manager* da IFC para Angola, Roland Yameogo, afirmou que a agricultura, a indústria transformadora, o Corredor do Lobito e a energia serão prioritários na estratégia do Grupo Banco Mundial para Angola nos próximos 8 a 10 anos.

Texto **Paulo Marmé**

No congresso Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, Roland Yameogo, *country manager* da International Finance Corporation (IFC) para Angola, Botsuana, Lesoto e Zimbabué, apresentou as linhas centrais do plano de actuação do Grupo Banco Mundial no país para a próxima década.

O responsável explicou que o grupo – que integra a IFC, o Banco

Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento e a agência de garantias MIGA – está a finalizar o Country Partnership Framework para Angola, um plano estratégico alinhado com o Programa Nacional de Desenvolvimento. O objetivo é orientar as intervenções do grupo no país ao longo dos próximos 8 a 10 anos.


No centro desta estratégia surgem quatro prioridades que, segun-

do Yameogo, são críticas para o crescimento económico e, sobretudo, para a criação de emprego num contexto em que o país vê entrar cerca de 600 mil jovens por ano no mercado laboral, enquanto a economia absorve apenas metade.

Entre as prioridades estão a agricultura, factores que Roland Yameogo destacou que Angola reúne todos os factores para ser uma potência agrícola, mas que esbarra no acesso limitado ao financiamento. O responsável falou ainda do programa AgriConnect, lançado pelo Banco Mundial nas reuniões anuais de Outubro, em Washington, e que tem como objetivo duplicar, até 2030, o compromisso anual para o sector agrícola, atingindo 9 mil milhões de dólares por ano.

Outra prioridade destacada é a indústria transformadora, especialmente a produção de valor acrescentado. Aproveitando o gás disponível, explicou que Angola tem potencial para desenvolver projectos de produção de amónia, ureia e fertilizantes. Segundo deu conta, a IFC já está a trabalhar com várias empresas interessadas em investimentos deste tipo no Soyo e em Cabinda. Uma área-chave elencada é o Corredor do Lobito. Para a IFC, o corredor deve ser mais do que infra-estruturas ferroviárias e portuárias: deve servir como plataforma económica para desenvolver agricultura, indústria e habitação ao longo do seu percurso.

O Banco Mundial, disse ainda, complementa esta visão com programas de diversificação económica (300 milhões de dólares) e de desenvolvimento urbano nas cidades secundárias (outros 300 milhões de dólares), destinados a criar condições para a presença sustentada do sector privado.

O último pilar mencionado é o da energia, com foco específico na transmissão. 



Angola

RVA ADVOGADOS

**Construímos o futuro,
de olhos postos no crescimento.
Em Angola, sempre ao lado
dos nossos clientes.**

**Transformative
Legal
Experts**

www.rvaangola.com



Empresários defendem dados, políticas de longo prazo e confiança no sector agrícola

Empresários do sector agrícola defenderam, no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, a necessidade de reformas estruturais para transformar o potencial agrícola de Angola em crescimento sustentável.

Texto: Napiri Lufânia

Um painel dedicado às empresas angolanas a operar nos sectores agrícola e florestal, sob o tema “Sector Primário – Como Estamos a Agarrar a Oportunidade”, integrado no Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, realizado em Luanda, trouxe para o centro do debate a necessidade de reformas estruturais e de condições de mercado prioritárias para acelerar o crescimento sustentável do agronegócio em Angola.

Os empresários e os agricultores presentes foram unânimes em defender que o país dispõe de recursos naturais e potencial pro-

ductivo, mas enfrenta constrangimentos ligados à falta de dados, previsibilidade, políticas de longo prazo e qualificação da mão-de-obra, factores que continuam a limitar a competitividade do sector.

O vice-presidente da SEIVA – Associação para o Agronegócio e Empreendedorismo, Rómulo Peixoto, destacou que o desenvolvimento do agronegócio exige, antes de mais, confiança e conhecimento por parte dos diversos sectores da economia relativamente à realidade agrícola. Segundo o líder associativo, a ausência de dados fiáveis compromete a tomada de decisões e o apoio efectivo ao sector.

“Há uma necessidade clara de estruturar a forma como actuamos ao longo de toda a cadeia de valor, identificar onde podemos intervir e tornar o risco mais gerível. Isso exige dados, informação e organização, para que todos os intervenientes compreendam o seu papel”, afirmou, sublinhando que a confiança começa quando os agricultores dispõem de informação credível. Para Rómulo Peixoto, a cooperação entre produtores surge como um dos pilares fundamentais para ultrapassar os desafios estruturais do sector.

Já o CEO da Carrinho Agri, David Maciel, defendeu a implemen-



tação de políticas públicas concretas e pensadas a longo prazo, capazes de transformar Angola numa verdadeira potência agrícola. Entre as propostas, destacou a necessidade de diferenciar os custos de produção e os preços de venda por província, tendo em conta as distâncias, a logística e os custos de transporte.

“Cada província devia ter o seu custo de produção e o seu preço de venda dos produtos agrícolas, e estes preços deveriam ser tabelados anualmente a nível nacional por um órgão governamental”, defendeu, considerando que esta abordagem estimularia a produção interna.

David Maciel alertou ainda para o actual paradoxo económico do sector, em que importar continua a ser mais barato do que produzir localmente. “Importamos fertilizantes, sementes, pesticidas e até conhecimento. Produzimos internamente, mas os custos de transporte e as deficiências das estradas fazem com que o produto final fi-

que ao dobro do preço da importação”, lamentou, sublinhando que esta realidade desmotiva os agricultores e compromete a competitividade da produção nacional.


Por sua vez, o director da Novagrolíder, José Macedo, considerou que o mercado angolano está preparado para absorver novos empreendedores agrícolas, sublinhando que a procura não constitui um problema num país com forte crescimento populacional.

“Todos os anos, Angola regista um aumento de mais de 1 milhão de habitantes. Para responder a este crescimento demográfico, temos de produzir muito mais e pensar seriamente na segurança alimentar”, afirmou, defendendo que o mercado interno oferece oportunidades claras para o sector.

José Macedo apontou, no entanto, a qualidade da mão-de-obra como um dos principais desafios, salientando a insuficiência de escolas agrárias com padrões adequados de formação. Segundo o empresário, o envio de estudantes

para o exterior nem sempre resolve o problema, uma vez que muitos não regressam ao país.

“Angola precisa de investir em escolas agrícolas em condições, contratar professores qualificados e formar técnicos localmente. Há um investimento público que tem de gerar retorno. Quanto mais produzirmos, mais exportaremos”, afirmou, acrescentando que o país continua a apresentar défices significativos na produção alimentar, com excepção de alguns produtos como a banana e certas hortícolas.

Em síntese, os empresários reconheceram que Angola enfrenta debilidades estruturais, mas sublinharam que o país reúne todas as condições para o sucesso do agrogénio. Para isso, defendem uma aposta consistente em tecnologia, conhecimento, políticas públicas eficazes e, sobretudo, credibilidade e confiança no sector agrícola, factores considerados decisivos para transformar potencial em crescimento económico sustentável. 

"Incluir mais angolanos exige serviços bancários especializados e tecnologia estratégica", considera Pedro Miguel

Board member da Asseco-PST diz que mais de 50% dos angolanos permanecem fora do sistema formal, reflexo de produtos pouco ajustados à realidade de microempresas, tralhadore e clientes.

Texto **Rossana Dias**



A inclusão financeira continua a ser um dos maiores desafios do sector bancário angolano. No Forbes África Lusófona Annual Summit 2025, Pedro Miguel Lopes, *board member* da Asseco-PST, defendeu que a especialização dos serviços, aliada à tecnologia, será decisiva para ampliar o acesso da população ao sistema financeiro.

O responsável destacou que mais de 50% dos angolanos permanecem fora do sistema formal, reflexo de produtos pouco ajustados à realidade de microempresas, trabalhadores informais e clientes de baixo rendimento. A concentração dos serviços nas zonas urbanas, os custos elevados e a baixa literacia financeira agravam o cenário.


Segundo Pedro Miguel Lopes, soluções como contas simplificadas, microcrédito, serviços *mobile-first* e redes de agentes bancários podem acelerar a inclusão, sobretudo em áreas suburbanas e rurais. A tecnologia — através de automação, inteligência artificial, *open banking* e *data analytics* — deverá tornar-se o núcleo estratégico dos bancos, permitindo personalização, redução de custos e maior integração com *fintechs*.

Para o executivo, o futuro do sector será marcado por pagamentos instantâneos, uso massivo de *QR codes*, expansão dos serviços digitais e microcrédito ajustado a rendimentos irregulares. “Sem especialização, a inclusão financeira avançará de forma lenta e limitada”, alertou.

Entre os principais entraves identificados, destacam-se a concentração das agências nas cidades, os custos bancários acima da capacidade de grande parte dos clientes, a burocracia, a baixa literacia financeira e a falta de confiança no sistema. Apesar do uso massivo do telemóvel, a adopção de soluções digitais permanece abaixo do potencial.

Para acelerar a inclusão, Pedro Miguel Lopes apontou caminhos concretos: contas simplificadas, microcrédito e micropoupança ajustados a pequenos valores, serviços desenhados directamente para utilização em telemóvel e a expansão das redes de agentes bancários para zonas suburbanas e rurais. Estes mecanismos, afirmou, podem reduzir barreiras históricas de acesso e adaptar-se à informalidade que marca grande parte da economia nacional.

A tecnologia foi apresentada como eixo estruturante da transformação do sector. “A tecnologia deixou de ser um suporte e tornou-se um núcleo estratégico”, afirmou. Soluções de automação, inteligência artificial, análise de dados, *open banking* e integração por API poderão reduzir custos, personalizar serviços e aproximar bancos, *fintechs* e outros actores do ecossistema financeiro. Pagamentos instantâneos, utilização de *QR codes* e microcrédito digital surgem como tendências que deverão ganhar tracção no mercado angolano.

Com uma população jovem, elevada penetração de telemóvel e crescente procura por serviços simples e acessíveis, o país reúne condições para uma expansão acelerada — desde que o sector seja capaz de alinhar especialização, tecnologia e escala. 



All-in-one Banking software

Tecnologia que dá resposta aos desafios da Banca.

Somos responsáveis pelo ecossistema tecnológico de mais de **70** Instituições Financeiras, em **3** Continentes e **9** Países, sempre orientados às necessidades nos mercados onde operamos, valorizando a proximidade ao Cliente.



PORTUGAL • ANGOLA • MOÇAMBIQUE

Mais de 600 Colaboradores ao seu dispor.

pst.asseco.com

MOMENTOS "FORBES ANNUAL SUMMIT ANGOLA 2025"

Uma galeria de imagens que celebra os premiados da Forbes em Responsabilidade Social, verdadeiros agentes de mudança que utilizam a sua influência e recursos para transformar vidas e construir um futuro mais justo e sustentável. Cada fotografia aqui retrata iniciativas que vão além do lucro: promovem inclusão, educação, saúde, equidade e respeito.

36









Shape the future
with confidence

**Como pode a
transformação
digital redefinir
o modelo de
crescimento
económico
de um país?**



Quanto melhor a pergunta. Melhor a resposta.
Melhor trabalha o Mundo.

Uma história com Futuro.

Surgimos no mercado com a ambição de acompanhar o destino e impulsionar o futuro da nossa nação.

Crescemos com Angola, abraçando todas as províncias e tornamo-nos parte da vida de milhões de angolanos.

Somos um Banco que acredita no poder dos sonhos e que transforma objectivos em conquistas.

Foi assim no passado e assim será, certamente no Futuro.

BFA.AO | 923 120 120

